

LAURENCE REES

«Um livro fascinante.» Antony Beevor



O CARISMA DE HITLER

O Homem que Liderou Milhões até ao Abismo

v o g a i s

À memória da minha mãe e do meu pai
Margaret Julia Rees (1927-1977)
e
Alan William Rees (1924-1973)

ÍNDICE

Introdução.....	13
-----------------	----

Primeira Parte: O Caminho Para o Poder

Capítulo 1: A Descoberta de Uma Missão	19
Capítulo 2: A Criação de Uma Ligação.....	33
Capítulo 3: A Busca de Um Herói.....	47
Capítulo 4: O Desenvolvimento de Uma Visão	59
Capítulo 5: Oferecer Esperança Numa Crise	73
Capítulo 6: Ter Certeza.....	87

Segunda Parte: O Caminho Para a Guerra

Capítulo 7: O Homem que Virá.....	99
Capítulo 8: A Importância dos Inimigos.....	129
Capítulo 9: A Atração do Radical	139
Capítulo 10: A Emoção da Libertação.....	155
Capítulo 11: A Visão Transformada em Realidade	171

Terceira Parte: Risco e Recompensa

Capítulo 12: A Grande Aposta	207
Capítulo 13: Carisma e Excesso de Confiança	233
Capítulo 14: Uma Falsa Esperança e o Assassínio de Milhões.....	265

Quarta Parte: Sangue e Morte

Capítulo 15: A Última Oportunidade.....	295
Capítulo 16: A Morte do Carisma.....	311

Créditos das fotografias	337
Agradecimentos	339
Notas	341
Índice remissivo	372

«Toda a minha vida pode ser resumida neste meu esforço incessante de convencer os outros.»¹

ADOLF HITLER

«Que um tal homem possa ter chegado tão perto de concretizar as suas ambições e — acima de tudo — que tenha encontrado milhões de instrumentos e de ajudantes a isso dispostos; aqui está um fenómeno que o mundo ponderará durante os séculos vindouros.»²

KONRAD HEIDEN

INTRODUÇÃO

Os meus pais tinham opiniões muito firmes relativamente a Adolf Hitler. Ambos viveram a guerra — e o irmão do meu pai morreu nos comboios do Atlântico — e por isso pensavam que Hitler corporizava todo o mal. Mas lembro-me de pensar, quando era criança, que, se Hitler era o Diabo em forma humana, como conseguiu que tanta gente levasse a cabo os seus desejos? De certa maneira é uma pergunta em que tenho continuado a pensar desde então, e à qual procuro responder nesta obra.

À primeira vista, Adolf Hitler seria o mais improvável líder de um Estado sofisticado no coração da Europa. Incapaz de amizades normais, incapaz de debates intelectuais, cheio de ódio e de preconceitos, desprovido de qualquer verdadeira capacidade para amar, e «solitário»¹. Indubitavelmente, era, «enquanto figura humana, lamentável»². Contudo, desempenhou o papel mais importante em três das mais devastadoras decisões jamais tomadas: a decisão de invadir a Polónia, que levou à Segunda Guerra Mundial, a decisão de invadir a União Soviética, e a decisão de assassinar os judeus.

Mas Hitler não criou todo este horror sozinho, e a par das suas muitas insuficiências pessoais possuía sem dúvida grandes poderes de persuasão. «Toda a minha vida», disse memoravelmente em 1942, «pode ser resumida neste meu esforço incessante de convencer os outros.»³ E conheci muitas pessoas que viveram este período que confirmaram esse juízo de valor. Ao serem pressionadas para revelar a razão pela qual achavam tal estranha figura tão convincente, apontaram uma miríade de fatores, como as circunstâncias da época, os seus medos, as suas esperanças e por aí adiante. Mas muitos também descreveram simplesmente o forte sentido de atração que sentiam por Hitler — algo que muita gente atribuiu ao seu «carisma».

Mas o que é ao certo o «carisma»? A palavra tem raízes gregas que significam uma graça ou um favor conferidos pelos deuses, mas o carisma, tal como hoje usamos a palavra, não é um dom «divino» mas «de valor neutro»⁴ — tanto pessoas desagradáveis como pessoas simpáticas o podem ter. O significado original também implica que o carisma é uma qualidade absoluta que existe — ou não — num indivíduo em particular. Mas o apelo carismático de Adolf Hitler não era universal. Apenas se apresentava no espaço que existia entre ele e as emoções da sua audiência. Duas pessoas podiam conhecer Hitler ao mesmo tempo, e uma podia achá-lo carismático e a outra podia achá-lo um tolo.

A nossa compreensão contemporânea do conceito de «carisma» inicia-se com o trabalho do teórico social alemão Max Weber, que escreveu sobre «liderança carismática»⁵ na viragem do século XIX para o século XX. Embora ele escrevesse muito antes de Hitler se tornar chanceler da Alemanha, o seu trabalho continua a ser relevante para todos aqueles interessados no estudo do nazismo em geral e de Hitler em particular. De um modo crucial, o que Weber fez foi estudar a «liderança carismática» como um tipo específico de governo — e não como uma qualidade pessoal que uma estrela *pop* pode possuir ao mesmo nível de um político. Para Weber, o líder «carismático» deve ter um forte elemento «missionário» e é, quase, uma figura religiosa. Os seguidores de um tal líder procuram mais do que apenas impostos mais baixos ou melhores cuidados de saúde; buscam objetivos mais latos, quase espirituais, de redenção e salvação. O líder carismático não pode existir confortavelmente no interior de estruturas burocráticas normais e é motivado por um sentido de destino pessoal. Nestes termos, Hitler é o arquétipo do «líder carismático».

Em particular, penso que é difícil subestimar quão importante é compreender que o carisma se cria numa interação entre indivíduos. E, neste contexto, a minha capacidade de conhecer e questionar pessoas que atravessaram este período extraordinário tem sido de enorme vantagem. Ao escrever este livro, tive a boa fortuna de ter acesso a uma fonte primária única — as centenas de entrevistas com testemunhas e perpetradores que realizei para o meu trabalho como documentarista histórico ao longo dos últimos 20 anos. Apenas uma pequena fração

deste material foi alguma vez publicada, pelo que a grande maioria dos testemunhos citados neste livro surge aqui impressa pela primeira vez.

Tive o enorme privilégio de poder viajar pelo mundo e conhecer estas pessoas — das que trabalharam de perto com Hitler às que cometeram crimes em prol dos seus objetivos, das que sofreram às suas mãos às que finalmente ajudaram a destruí-lo. Tive também a sorte, depois da queda do Muro de Berlim, de ser um dos primeiros a visitar os antigos países comunistas da Europa de Leste e gravar entrevistas sinceras e honestas sobre o nazismo com pessoas que viveram atrás da Cortina de Ferro. O que aí me foi dito foi muitas vezes chocante e surpreendente ao mesmo tempo.

Beneficiei também muito das profundas discussões que tive com muitos dos maiores historiadores académicos do mundo — material que reuni para o meu site pedagógico WW2History.com — e também ao estudar informação de fontes de arquivo e de outras fontes mais tradicionais. Mas encontrar e entrevistar pessoas que conheceram Hitler e que viveram sob o seu jugo foi o que me deu as melhores pistas sobre a natureza do seu apelo. (Os testemunhos presenciais devem ser tratados com considerável cuidado e já escrevi noutros locais sobre os muitos testes e salvaguardas que usámos ao recolher este material.)⁶

Também aprendi muito ao estudar filmes de arquivo da época — em particular, imagens dos discursos de Hitler. Há 20 anos, ao começar o meu trabalho sobre o nazismo, pensei que o «carisma» de Hitler seria de algum modo muito visível nas imagens. Contudo, tornou-se rapidamente claro — pelo menos para mim — que Hitler, hoje, é decididamente pouco carismático em filme. Mas, claro, é precisamente essa a questão. Não senti nada porque não pertenço àquela época — e, ainda por cima, não sou alguém à partida predisposto a acolher o apelo carismático de Hitler. Não tenho fome; não me sinto humilhado após ter perdido uma guerra; não estou desempregado; não tenho medo da violência generalizada nas ruas; não me sinto traído pelas promessas quebradas do sistema democrático; não vivo aterrorizado com a possibilidade de as minhas poupanças se desvanecerem num colapso bancário; e não quero que me digam que toda esta confusão é culpa de outra pessoa.

É também importante declarar enfaticamente que as pessoas que aceitam o «carisma» de um líder, não estão, de forma alguma, «hipnotizadas».

Sabem exatamente o que se está a passar, e continuam a ser responsáveis pelas suas ações. O facto de alguém decidir seguir um líder carismático não pode ser posteriormente usado como álibi ou desculpa.

Contudo, Hitler não era, é preciso que se diga, apenas um líder com carisma. Também usou as ameaças, o crime e o terror para alcançar o seu objetivo, e tento mostrar como estes aspetos se encaixam na história da sua ascensão ao poder e do seu posterior governo. Existiam certamente algumas pessoas que cumpriam os desejos de Hitler apenas por medo, tal como outras nunca o terão achado carismático de todo.

Por fim, embora este trabalho seja inteiramente sobre Hitler, acredito sinceramente que tem relevância contemporânea. O desejo de ser liderado por uma personalidade forte durante uma crise, a ânsia da nossa existência em ter um qualquer propósito, a quase-veneração de «heróis» e de «celebridades», o anseio pela salvação e pela redenção: nada disto mudou no mundo desde a morte de Hitler, em abril de 1945.

Os seres humanos são animais sociais. Queremos pertencer. A vida, de outro modo, pode ser uma experiência muito fria. E só ao compreender como aqueles que procuram o poder nos tentam influenciar, e como participamos muitas vezes ativamente na nossa própria manipulação, é que podemos entender os perigos que enfrentamos se deixarmos o racionalismo e o ceticismo de lado e, em vez disso, depositarmos a nossa fé num líder com carisma.

PRIMEIRA PARTE

O CAMINHO PARA O PODER

CAPÍTULO 1

A DESCOBERTA DE UMA MISSÃO

Em 1913, quando Adolf Hitler tinha 24 anos, nada na sua vida o apontava como futuro líder carismático da Alemanha. A sua profissão? Lutava para sobreviver como pintor de paisagens para turistas em Munique. A sua casa? Vivia num pequeno quarto alugado a Josef Popp, alfaiate, no terceiro andar de uma casa no n.º 34 da Schleissheimer Strasse, a norte da principal estação de comboios de Munique. As roupas que usava? Vestia-se de forma conservadora, mas mal, com as roupas burguesas convencionais da época — casaco e calças pretas. A sua aparência física? Era distintamente desinteressante de aparência, com faces magras, dentes descoloridos, um bigode desgrenhado e cabelo negro que caía flacidamente sobre a testa. A sua vida emocional? Era-lhe impossível manter uma amizade duradoura e nunca tivera uma namorada.

O seu principal traço distintivo era a sua capacidade para odiar. «Estava de candeias às avessas com o mundo», escreveu August Kubizek, que vivera com ele na Áustria alguns anos antes. «Para onde olhava, via injustiça, ódio e inimizade. Não havia nada que escapasse às suas críticas, nada que ele olhasse de modo favorável [...] Sufocando no seu catálogo de ódios, lançava a sua fúria sobre tudo, sobre a humanidade em geral que não o compreendia, que não o reconhecia e pela qual era perseguido.»¹

Como era possível que este homem, tão indistinto aos 24 anos, se tornasse numa das figuras mais poderosas e infames na História do mundo — um líder, ainda por cima, reconhecido pelo seu «carisma»?

As circunstâncias, claro, desempenhariam um grande papel nesta transformação. Mas um dos aspetos mais notáveis desta história é o modo como vários dos principais traços de personalidade que Hitler possuía enquanto pintor excêntrico a percorrer as ruas de Munique em

1913 — aspetos da sua personalidade que contribuíram nessa altura para a sua falta de sucesso profissional e pessoal — não só se manteriam consistentes durante o resto da sua vida, como seriam posteriormente entendidos não como fraquezas, mas como forças. Por exemplo, a monumental intolerância de Hitler significava que lhe era impossível debater qualquer assunto. Apresentava as suas opiniões e depois perdia a cabeça se fosse sistematicamente questionado ou criticado. Mas o que, em 1913, era entendido como pregar palavras de ordem ignorantes, seria mais tarde visto como certeza de visão. Havia ainda o seu enorme excesso de confiança nas próprias capacidades. Em Viena, alguns anos antes, havia anunciado ao seu perplexo companheiro de quarto que decidira escrever uma ópera — e que o facto de não saber ler nem escrever música não era uma desvantagem. Nos anos vindouros, esta confiança em excesso seria considerada uma marca de génio.

Quando chegou a Munique, Hitler já tinha vivido anos de desapontamento. Nascido a 20 de abril de 1889, em Braunau am Inn, na Áustria, na fronteira com a Alemanha, Hitler não se dava com o seu pai idoso, um funcionário da alfândega que lhe batia. O pai morreu em janeiro de 1903, com 65 anos, e a sua mãe sucumbiu ao cancro quatro anos mais tarde, em dezembro de 1907, quando tinha apenas 47 anos. Órfão aos 18 anos, Hitler vagueou entre Linz, na Áustria, e a capital, Viena, e durante alguns meses, em 1909, viveu realmente na penúria até que um pequeno donativo financeiro de uma tia lhe permitiu instalar-se como pintor. Viena desagradava-lhe, pois acreditava que era uma cidade podre e impura, repleta de prostituição e corrupção. Foi só aquando do seu 24.º aniversário, ao receber uma herança diferida no valor de pouco mais de 800 *kronen* do testamento do seu pai, que pôde abandonar a Áustria e buscar alojamento em Munique, essa cidade «alemã», um lugar ao qual mais tarde diria estar «mais ligado» do que «a qualquer outro pedaço de terra neste mundo»².

Mas embora estivesse, finalmente, a viver numa cidade que adorava, Hitler parecia caminhar para a mais completa obscuridade. Apesar da impressão que mais tarde quis dar ao mundo — em *Mein Kampf*, a autobiografia escrita 11 anos mais tarde, Hitler tentou convencer os seus leitores de que durante esse período fora quase um político embrionário³ —, em 1913, Hitler era um indivíduo social e emocionalmente

desajustado, a vaguear pela vida sem rumo. Crucialmente, o que ele não possuía aos 24 anos — e que muitas outras figuras históricas consideradas carismáticas já possuíam nessa idade — era um sentido de missão pessoal. Apenas descobriu o que acreditava apaixonadamente ser a sua «missão» em resultado da Primeira Guerra Mundial e do modo como esta terminou. Sem esses eventos épicos, teria quase certamente ficado em Munique e teria sido um desconhecido para a História.

Em vez disso, iniciou a sua jornada em direção à consciência do mundo a 3 de agosto de 1914, quando requereu — enquanto austríaco — o alistamento no Exército Bávaro. Apenas dois dias antes, a 1 de agosto, a Alemanha havia declarado guerra à Rússia. Hitler queria agora servir o Estado alemão que tanto admirava, e o seu desejo foi concedido quando, em setembro de 1914, foi enviado como soldado raso para o 16.º Regimento de Reserva Bávaro (também conhecido como o Regimento «List»). No mês seguinte entrou em combate pela primeira vez, perto de Ypres. Escreveu a um conhecido em Munique descrevendo a cena: «À esquerda e à direita, os estilhaços gemiam e assobiavam, e pelo meio as balas inglesas cantavam. Mas não prestávamos atenção [...] Por cima das nossas cabeças as bombas uivavam e gemiam, à nossa volta voavam lascas de troncos de árvores e ramos. E, depois, mais granadas caíam nos bosques, levantando nuvens de pedras, terra, e abafando tudo com um vapor verde-amarelado, malcheiroso, enjoativo [...] Penso muitas vezes em Munique, e cada um de nós tem um único desejo: que o pessoal daqui resolva a coisa de uma vez por todas. Queremos uma batalha total a todo o custo [...]»⁴

Estas são as palavras de um homem que encontrou algo. Não apenas — pela primeira vez — um sentido de propósito num empreendimento comum com outros seres humanos, mas uma verdadeira visão sobre as dramáticas possibilidades da existência. E este conflito teria um efeito semelhante não só em Hitler como também em muitos outros. «A guerra, a mãe de todas as coisas, é também a nossa mãe», escreveu Ernst Jünger, outro veterano da guerra. «Ela martelou-nos e talhou-nos, endureceu-nos para fazer de nós aquilo que agora somos. E para sempre, enquanto a roda da vida continuar a girar dentro de nós, a guerra será o eixo à volta do qual ela gira. Ela treinou-nos para a guerra, e guerreiros continuaremos a ser enquanto aspirarmos o sopro da vida.»⁵

O que Hitler, Jünger, e milhões de outros viveram na Frente Ocidental foi uma guerra como nenhuma outra. Uma guerra na qual o poder das armas defensivas, como a metralhadora e o arame farpado, confinaram o conflito a campos de morte exíguos e sangrentos. Uma guerra na qual lança-chamas, cargas explosivas e gás venenoso lançaram o caos. Em resultado, para Hitler, o «romance» da batalha foi rapidamente «substituído pelo horror»⁶.

Não surpreende que Hitler tenha formado uma opinião da vida como sendo uma luta constante e brutal. A vida para um soldado raso na Primeira Guerra Mundial era exatamente isso. Mas não só. Também existia — sobretudo para Adolf Hitler — a ideia de que a experiência desta guerra era também um teste, oferecendo a possibilidade de atos de heroísmo. E, no entanto, apesar de trabalhos acadêmicos recentes que confirmam que Hitler não viveu nas trincheiras, mas serviu como estafeta sediado no quartel-general do Regimento mesmo atrás das linhas da frente⁷, é indiscutível que foi um soldado corajoso. Foi ferido em outubro de 1916, na Batalha do Somme, e depois, dois anos mais tarde, foi condecorado com a Cruz de Ferro de primeira classe. Foi recomendado para esta medalha por um oficial judeu, Hugo Gutmann, e a recomendação oficial, do comandante do Regimento, Emmerich von Godin, declarava que «como estafeta [Adolf Hitler] foi um exemplo de sangue-frio e coragem tanto na guerra estática como na guerra móvel», e que estava «sempre preparado para se oferecer para entregar mensagens nas mais difíceis situações com grande risco da própria vida»⁸.

Contudo, apesar da sua bravura, Hitler continuou a ser um personagem tão invulgar para os seus camaradas de Regimento como fora para os seus conhecidos antes da guerra. Como um dos seus colegas, Balthasar Brandmayer, recordaria mais tarde, «havia algo de peculiar em Hitler»⁹. Os seus camaradas achavam estranho que ele nunca se quisesse embriagar ou ter relações sexuais com uma prostituta; que passasse as suas folgas a ler ou a desenhar, ou, ocasionalmente, a arengar aqueles que o rodeavam sobre qualquer assunto que lhe viesse à cabeça; que parecesse não ter amigos nem família e, em consequência, fosse um homem resolutamente sozinho¹⁰. Quanto a «carisma», Hitler não parecia possuir absolutamente nenhum.

Mas estava totalmente empenhado na guerra, e extrapolou a partir da sua própria coragem e empenho a crença de que quase todos os outros nas linhas da Frente sentiam o mesmo. Fora na retaguarda, na Alemanha, como escreveu em *Mein Kampf*, que as tropas haviam sido «traídas» por aqueles que queriam lucrar com o sacrifício dos soldados em combate. Esta ideia de uma *Frontgemeinschaft*, uma camaradagem unida de soldados da Frente dececionados pelos outros longe dos campos de batalha, era um mito — mas foi um mito popular. Quando Hitler foi ferido em combate pela última vez, em outubro de 1918, perto de Ypres, a Alemanha tinha perdido a guerra por uma série de razões, nenhuma das quais era a «traição» à retaguarda. Simplesmente, os alemães foram esmagados pelo peso das forças que se lhes opunham — entre as quais, os americanos, cuja entrada na guerra, em abril de 1917, garantiu a chegada de centenas de milhares de novas tropas. Além disso, um bloqueio da Alemanha pelos navios de guerra aliados levava a uma escassez generalizada de alimentos — uma situação já de si má, piorada por um surto massivo de gripe na primavera de 1918.

Nesse outono, muitos militares das Forças Armadas alemãs tinham decidido que a guerra estava perdida. Em outubro, os marinheiros do almirante Franz von Hipper recusaram-se a largar amarras para travar um último combate condenado ao fracasso contra os Aliados. Seguiu-se um motim na cidade portuária de Kiel, que se alastrou a Lübeck, Bremen e até Hamburgo. Uma revolução generalizada na Alemanha parecia uma possibilidade — uma revolução inspirada pelo sucesso da revolução bolchevique na Rússia no ano anterior. Era óbvio para os principais políticos alemães que era preciso pôr fim à guerra o mais depressa possível, e era também óbvio, dadas as exigências dos Aliados, que, qualquer que fosse o futuro da Alemanha, não era um futuro no qual o imperador, o homem mais associado à decisão de entrar em guerra, se mantivesse como chefe de Estado. O general Wilhelm Groener deu ao imperador a notícia desagradável, e, a 9 de novembro de 1918, a Alemanha tornou-se uma república.

A súbita partida do chefe de Estado causou imensa consternação a muitos oficiais alemães. «No pior momento da guerra, fomos apunhalados pelas costas», escreveu Ludwig Beck, então adstrito ao Alto Comando do Exército, e mais tarde chefe do Estado-Maior do exército

alemão. «Nunca na minha vida me senti tão perturbado com algo que testemunhei pessoalmente como me senti a 9 e 10 de novembro. Um tal abismo de maldade, cobardia, falta de caráter, tudo coisas que até aí considerara impossíveis. Em poucas horas, 500 anos de História foram desfeitos; como um ladrão, o imperador foi deportado para território holandês. Não podia ter acontecido mais depressa — e a um homem tão distinto, nobre e moralmente reto.»¹¹

Entre uma série de soldados rasos na Frente, alheios ao facto de a Alemanha mal poder continuar a travar essa guerra, houve uma noção semelhante de perplexidade, não apenas com o rápido afastamento do imperador mas também com a declaração imediata de um armistício, que entrou em vigor a 11 de novembro de 1918. «As tropas da Frente não se sentiam derrotadas», diz Herbert Richter, que lutou na Frente Ocidental, «e nós perguntávamo-nos porque é que o armistício estava a acontecer tão depressa, e porque é que tínhamos de abandonar as nossas posições com tanta pressa, porque ainda estávamos em território inimigo, e achámos que tudo isto era estranho [...] estávamos furiosos, porque não sentíamos que tivéssemos chegado ao limite das nossas forças.»¹²

A Alemanha parecia estar a dividir-se — entre aqueles que, como Beck e Richter, acreditavam que o exército tinha sido traído, e aqueles que, como os marinheiros alemães amotinados, tinham aceitado a derrota e queriam que toda a ordem social fosse virada do avesso. Em Berlim, em janeiro de 1919, uma greve geral transformou-se numa revolta socialista. Fridolin von Spaun, então um adolescente da Baviera, viajou até à capital para testemunhar os acontecimentos históricos. «Estava tão entusiasmado com aquilo que estava a acontecer. Porque tinha lido nos jornais sobre a revolução em Berlim. E tinha de ver com os meus próprios olhos como se faz uma tal revolução. Foi a curiosidade que me levou a Berlim. E uma vez lá chegado, atirei-me de cabeça para o tumulto, a cidade estava completamente enlouquecida. Centenas de milhares de pessoas corriam pelas ruas aos gritos: primeiro de um lado, depois do outro. Havia uma facção claramente de esquerda. E esta facção foi decisivamente influenciada por um homem, Karl Liebknecht. E o destino, que às vezes me sorri, permitiu-me vê-lo em carne e osso [...] Eu estava na multidão. E, de repente, ouvi um grito. E depois chegou

um camião, as pessoas tinham aberto espaço para ele. O camião aproximou-se, e toda a gente gritou: “Liebknecht, Liebknecht!” Aclamaram-no. Eu nem o tinha conseguido ver. Estava rodeado por uma massa de gente, por uma guarda pessoal com armas carregadas, de todo o género [...] E [então] este homem lendário, Karl Liebknecht, apareceu à janela do andar superior e fez um discurso inflamado. Não foi muito longo, quinze minutos ou meia hora, não me lembro se foi mais. E esse discurso causou-me tal impressão que, a partir desse momento, passei a ser um antibolchevista declarado. Por causa de todas as frases patetas que ele atirava às pessoas, e as declarações inflamatórias, incrivelmente inflamatórias [...] Percebi que ele não estava nada interessado em criar o paraíso da classe operária. Na verdade, era só o desejo do poder. E assim, completamente imune a todas as tentações da esquerda, saí da praça antibolchevista. Catorze dias depois, o Sr. Liebknecht já não estava vivo. Os seus opositores tinham-no apanhado e à sua cúmplice — uma polaca, Rosa Luxemburgo. E, simplesmente, mataram-nos aos dois. Talvez isto soe muito insensível, mas não consegui verter lágrimas por eles. Tiveram o que mereciam.»¹³

Fridolin von Spaun sentiu-se tão indignado pelo que entendeu ser o «desejo de poder» de Karl Liebknecht naquele dia, que se juntou depois a uma unidade do *Freikorps*, a fim de lutar contra os revolucionários comunistas. Na esteira da destruição da ordem no final da guerra haviam-se formado vários *Freikorps* paramilitares, como tentativa de conter a revolução da esquerda. Estes grupos consistiam sobretudo de ex-militares que tinham respondido à chamada dos seus antigos comandantes. E foram as unidades do *Freikorps* — mais do que o exército ou a polícia oficiais alemães — a desempenhar o papel mais importante na contenção da revolução em Berlim, em janeiro de 1919, e que se tornariam em seguida nos primeiros garantes da nova República Alemã. Muitas das figuras que viriam mais tarde a tornar-se infames enquanto nazis — entre elas, Heinrich Himmler, Rudolf Höss e Gregor Strasser — eram por esta altura ativas nos *Freikorps*. Mas, significativamente, Adolf Hitler não era uma delas.

Em *Mein Kampf*, Hitler escreveu que, deitado na cama no hospital em Pasewalk, em novembro de 1918, temporariamente cego¹⁴ após um ataque com gás, se sentiu esmagado pela sensação de que as circunstâncias

do final da guerra representavam «a maior vilania do século»¹⁵. Do seu ponto de vista, uma aliança de marxistas e judeus tinha-se concretizado numa tentativa de fazer tombar a Pátria. Foi este momento, escreveu, que se tornou decisivo na sua decisão de «entrar na política».

A atração de uma tal história dramática para a formação de um mito é evidente. O nobre militar da Frente de combate, traído pelos políticos corruptos e interesseiros, decide dedicar a sua vida a salvar o seu país. Tudo encaixa. Mas, se as histórias de ficção podem ser assim, a vida raramente o é. E a prova é que a grande «missão» de Hitler não ganhou aqui forma.

Hitler saiu do hospital a 17 de novembro de 1918 e regressou a Munique. Encontrou a cidade no meio de uma mudança sísmica. Dez dias antes, a 7 de novembro, uma manifestação no parque Theresienwiese, organizada pelo político socialista Erhard Auer, levava à revolução. A faísca fora gerada por um jornalista e lutador antiguerra chamado Kurt Eisner. Incitara os soldados que assistiam à manifestação a amotinar-se contra os seus oficiais e a tomar o controlo dos seus quartéis. «Conselhos operários» e «conselhos militares» formaram-se para trazer ordem à revolução, e a monarquia hereditária da Baviera, a casa de Wittelsbach, foi deposta. Munique tornara-se numa república socialista liderada por Kurt Eisner.

Hitler expressou mais tarde, em *Mein Kampf*, a sua repulsa pelo modo como os acontecimentos tinham tido lugar na sua bem-amada Munique; o que não surpreende, pois Kurt Eisner era judeu e socialista. No entanto, as suas ações nessa altura foram bem diferentes. Ao contrário de milhares de outros alemães, como Fridolin von Spaun, que se alistaram em unidades dos *Freikorps* paramilitares para combater a revolução comunista, Hitler decidiu manter-se no exército. Em seguida, depois de um breve período fora de Munique como guarda num campo de prisioneiros de guerra, encontramo-lo no início de 1919, de regresso à cidade, cumprindo serviço na sua unidade numa altura em que Munique ainda estava sob o controlo de Kurt Eisner¹⁶. E quando a malfadada «República Soviética» da Baviera foi declarada poucas semanas mais tarde, liderada por comunistas fanáticos como Eugen Levine (que, como Eisner, era judeu), os documentos provam que Hitler foi eleito representante do seu batalhão¹⁷ — algo que não teria sido possível se se tivesse oposto à revolução comunista.

Havia ações alternativas claras à disposição de Hitler nesta altura — podia ter tentado abandonar o exército e juntar-se a um *Freikorps* ou, no mínimo, decidido ter o menos possível a ver com o regime comunista de Munique. O falhanço de Hitler em escolher qualquer um destes caminhos lança sérias dúvidas sobre a sua posterior declaração, em *Mein Kampf*, de já possuir uma «missão» política fanática no início de 1919. Mas apenas poucos meses depois, no outono desse ano, quando Hitler escreveu a sua primeira declaração política, a mesma pingava ódio aos judeus e encaixava consistentemente em pontos de vista que iria expressar durante o resto da sua vida.

O que mudou, entre a aparente aceitação por Hitler da revolução comunista em Munique, em abril de 1919, e a expressão do seu ódio aos judeus, em setembro, foi a situação política. A 1 de maio de 1919, unidades dos *Freikorps* entraram em Munique para retomar a cidade. A «República Soviética» da Baviera desmoronou-se rapidamente — mas não sem os comunistas terem assassinado cerca de 20 reféns. A vingança dos *Freikorps* foi sangrenta e alargada, e pelo menos mil pessoas morreram. A cidade ficou traumatizada com a experiência da revolução da esquerda e receberia rapidamente de braços abertos as forças da direita. Assim como Adolf Hitler. Pouco depois da queda do governo comunista na Baviera, Hitler fazia parte de um novo comité militar que investigava se os membros do seu Regimento haviam fornecido apoio prático ao regime. O breve namoro de Hitler com as instituições de esquerda acabara de vez.

A descoberta relativamente recente destas provas sobre a improvável relação de Hitler com a revolução de esquerda de Munique resultou, compreensivelmente, numa série de diferentes tentativas de explicar as suas ações. Talvez Hitler tivesse posteriormente sido um «vira-casacas»¹⁸, e as suas ações sinal de uma situação «extremamente confusa e incerta»¹⁹, que serviu para ilustrar que a sua vida poderia ainda «ter-se desenvolvido em diferentes direções»²⁰.

Como podemos então melhor compreender as ações de Hitler durante este período? É possível que o seu apoio tácito à revolução socialista na Baviera fosse uma fraude? Que Hitler era, no seu âmago, consistente com as crenças de extrema-direita que possuía anteriormente, mas que estava apenas a acompanhar os acontecimentos, agindo talvez como espião

a fim de aprender mais sobre os seus opositores? Esta é, sem dúvida, a explicação que o próprio Hitler teria dado se a isso o tivessem obrigado. Ter-se-ia sentido extremamente vulnerável à acusação que esta história demonstra — que ele era apenas como a maioria dos outros seres humanos, levado pelos acontecimentos.

Contudo, não há provas persuasivas que sustentem essa opinião de que Hitler estava a levar a cabo uma estratégia maquiavélica nos meses imediatamente após o final da guerra — bem pelo contrário. O capitão Karl Mayr, chefe do Departamento de «Informação» do Exército em Munique (encarregado de «reeducar» soldados na sequência da revolução socialista), conheceu Hitler na primavera de 1919, e as suas recordações posteriores eram bem claras: «Nessa altura, Hitler estava pronto para se juntar a quem quer que demonstrasse bondade para com ele. Nunca teve o espírito de mártir do género “a morte ou a Alemanha”, que mais tarde foi usado como slogan de propaganda para o promover. Tanto teria trabalhado para um patrão judeu ou francês como para um ariano. Quando o conheci parecia um cão vadio cansado à procura de um dono.»²¹

Mayr era um personagem invulgar. Mais tarde, deixaria para trás a ala da extrema-direita da política alemã para se tornar social-democrata e feroz adversário de Hitler. Acabaria por morrer num campo de concentração nazi, em 1945. E se alguns dos seus ataques subsequentes a Hitler parecem exagerados ao ponto de serem fantasiosos — alegou, por exemplo, que Hitler era tão estúpido que era incapaz de escrever os seus próprios discursos —, não parece haver razões para duvidar das suas impressões quando o encontrou pela primeira vez, em maio de 1919. Na verdade, elas oferecem a explicação mais convincente quanto ao comportamento de Hitler nessa altura.

Portanto, ao que parece, Hitler não era um astuto operador político no início de 1919. Era apenas um soldado comum, desencorajado por uma guerra perdida, confuso e incerto quanto ao que o destino tinha agora em mente para ele, e contente por continuar no exército, o único lar e emprego que tinha, durante o tempo que pudesse. O que não é o mesmo que dizer que era uma tela em branco. Hitler já acreditava de facto em alguns princípios políticos — como o pan-germanismo — e a sua experiência na Viena do pré-guerra em particular havia-o exposto a uma série de violentas influências antissemitas. Mas foram os meses

seguintes de instrução, como um dos agentes de «reeducação» de Mayr, que lhe permitiriam cristalizar o seu pensamento.

A tarefa de Hitler era falar aos outros soldados sobre os perigos do comunismo e os benefícios do nacionalismo. E, a fim de receber instrução para tal, frequentou um curso especial na Universidade de Munique, entre 5 e 12 de junho de 1919. Aí, assistiu a várias aulas, incluindo sobre a «História Política da Guerra» e «A Nossa Situação Económica»²², todas contadas de um modo «corretamente» antibolchevique. De acordo com todos os relatos, Hitler sorveu sofregamente de todas estas aulas e regurgitou-as em seguida a outros soldados alemães durante o mês de agosto num campo perto de Augsburg.

Nas suas preleções Hitler deu largas em particular a ferozes opiniões antissemitas, associando os judeus ao bolchevismo e à revolução de Munique. Não era propriamente um pensamento original — era até comum aos extremistas de direita na Alemanha da altura — e esta equação grosseiramente simplista entre o judaísmo e o comunismo foi a fonte de muitos dos preconceitos antissemitas no rescaldo da Primeira Guerra Mundial. «As pessoas enviadas para a Baviera para criar um regime de conselhos [soviète]», diz Fridolin von Spaun, também ele antissemita convicto, «eram quase todas judias. Basta olhar para os nomes das pessoas que tiveram um papel nisso. Naturalmente, também sabíamos que na Rússia os judeus tinham uma posição de grande influência [...] a teoria marxista, sobre a qual Lenine trabalhou, também provinha de um judeu [Karl Marx].»²³

Hitler já antes havia sido exposto a uma rude retórica antissemita, por exemplo, por parte do presidente da câmara de Viena, Karl Lueger, mas, ao contrário da opinião expressa por Hitler em *Mein Kampf*, não existem provas convincentes da época que confirmem que ele já era um antissemita empenhado antes do final da guerra. Mas é certo que, em agosto de 1919, expressava indubitavelmente opiniões fortemente antissemitas; todavia, por essa altura, já tinha frequentado as aulas organizadas por Mayr e testemunhado o estado de espírito de muitos habitantes de Munique em relação à fugaz república soviética que se havia estabelecido na cidade.

Apesar de tudo, não existe nenhum sinal de que Hitler estaria então a representar no que diz respeito ao seu antissemitismo. O poder

e a força com que expressava as suas opiniões eram os de um crente fervoroso.

Hitler tinha 30 anos. E é apenas neste momento, no verão de 1919, que se pode ver nos registos históricos a primeira referência a qualquer qualidade «carismática» que pudesse possuir. No campo militar de Augsburg, muitos soldados comentaram positivamente as qualidades de Hitler como conferencista. Um deles, o artilheiro Hans Knoden, escreveu que Hitler «acaba por ser um orador brilhante e entusiasmado que leva toda a audiência a seguir a sua exposição. A certa altura não conseguiu terminar um discurso mais longo [no tempo disponível] e perguntou aos assistentes se estariam interessados em ouvi-lo falar depois do expediente diário — e imediatamente toda a gente concordou. Era óbvio que o interesse dos homens tinha sido despertado.»²⁴

Hitler sempre desprezara o debate e apenas queria dar palestras. Contudo, antes da guerra não havia um público disposto a ouvi-lo arengar sobre ópera ou arquitetura. Mas agora havia gente preparada para ouvir as suas opiniões sobre a crise da Alemanha no imediato pós-guerra. Hitler sempre tivera a certeza dos seus juízos e nunca se mostrara disposto a ouvir argumentações. E, durante esta crise, muitos estavam predispostos a aceitar uma tal inflexibilidade.

Muitas das opiniões de Hitler eram agora reconhecivelmente as do futuro Führer do povo alemão. A 16 de setembro de 1919, por exemplo, a pedido do capitão Mayr, Hitler escreveu um depoimento antissemita que era intransigentemente maldoso. Disse que os judeus «originam uma tuberculose racial entre as nações» e que o objetivo final devia ser «a remoção drástica e total dos judeus» da Alemanha²⁵.

Quatro dias antes de escrever esta carta, Hitler assistira a um comício político no Salão Leiber da cervejaria Sterneckerbräu em Munique. Como parte do seu trabalho para o capitão Mayr, havia-lhe sido pedido que observasse e relatasse sobre partidos políticos marginais — e não havia partidos muito mais «marginais» do que este: o Partido dos Trabalhadores Alemães. Pouco mais que um clube de debates, formado em janeiro de 1919 por um serralheiro de 35 anos chamado Anton Drexler e o jornalista Karl Harrer. Ambos haviam decidido avançar com uma agenda antissemita, antibolchevique e pró-operária do tipo que já era comum à direita. Drexler tinha anteriormente sido membro do Partido

da Pátria que havia sido estabelecido dois anos antes por Wolfgang von Kapp, um de inúmeros outros grupos de direita semelhantes da altura — como a Federação Nacionalista Alemã de Proteção e Desafio e a Sociedade de Thule.

Nessa noite estavam apenas umas escassas dezenas de pessoas no Salão Leiber, e quando Hitler falou contra o apelo da Baviera para declarar a independência do resto da Alemanha causou imediata impressão. Drexler tomou nota dos talentos retóricos de Hitler e encorajou-o a inscrever-se no pequeno partido. Foi o momento em que Adolf Hitler e o que se viria a tornar no Partido Nazi se juntaram.

Ao longo das semanas que se seguiram, Hitler revelou estar na posse de uma «missão»: proclamar os modos como a Alemanha poderia ser reconstruída a partir das ruínas da derrota. Mas não anunciou ainda ser ele próprio o grande líder que levaria a cabo tal tarefa. Muito embora na sua carta de 16 de setembro, a atacar os judeus, tivesse já apontado a necessidade de a Alemanha se tornar num estado autocrático governado por indivíduos autocráticos: «Este renascimento será posto em movimento não pela liderança política de maiorias irresponsáveis influenciadas por dogmas partidários ou uma imprensa irresponsável, nem por palavras de ordem e slogans cunhados no estrangeiro, mas apenas através da ação impiedosa de personalidades capazes de liderança nacional e com um sentido inato de responsabilidade.»²⁶ O homem, ao que parece, encontrara a sua missão — mas não era uma missão que lhe tivesse sido predestinada.

Depois de entrar na Sterneckerbräu, a vida de Hitler mudou. Tinha navegado por mares tempestuosos e agora encontrara um porto de abrigo. Durante o resto da sua vida fingiria que sempre estivera destinado a chegar a este lugar.

CAPÍTULO 2

A CRIAÇÃO DE UMA LIGAÇÃO

O sucesso da ascensão de Hitler ao poder — e toda a sua liderança carismática — baseava-se na sua destreza retórica. «Ao ameaçar e implorar com as mãos em súplica e os olhos azul-aço flamejantes, tinha a aparência de um fanático», escreveu Kurt Lüdecke, que ouviu Hitler discursar em 1922. «As suas palavras tinham algo de flagelo. Quando falou da desgraça da Alemanha, senti-me à beira de saltar sobre um inimigo. O seu apelo à masculinidade alemã era como um apelo às armas, o evangelho que ele pregava uma verdade sagrada. Parecia um novo Lutero. Esqueci-me de tudo à exceção do homem. Olhando ao meu redor, vi que o seu magnetismo agarrava estes milhares como se fossem uma só pessoa.»¹ Nos anos logo após a Primeira Guerra Mundial, existiam muitos pequenos grupos políticos extremistas em Munique, mas nenhum com um orador capaz de inspirar assim uma audiência.

Hitler já tinha muita prática como orador didático — embora sem ter até então convencido alguém de que era «um novo Lutero». Apesar de ter impressionado August Kubizek na Viena do pré-guerra, por exemplo, com a sua capacidade de se expressar «fluentemente»², Hitler também podia discursar durante tanto tempo que parecia «desequilibrado»³. Mas os tempos tinham mudado, e a Alemanha era então um local significativamente diferente da confortável Viena do pré-guerra. Os alemães tinham de lidar com o trauma de uma guerra perdida, a destruição do velho sistema político baseado no imperador, o medo de uma revolução comunista, um humilhante tratado de paz que lhes exigia que aceitassem a «culpa» de terem começado a guerra, e reparações de castigo que, na conferência de Paris de janeiro de 1921, exigiam o pagamento de mais de 220 mil milhões de marcos de ouro aos vencedores.

Hitler estava assim a pregar a quem se sentia desesperado. A situação económica era tão má que parecia que toda a infraestrutura financeira da nação estava à beira de soçobrar quando, em 1923, a hiperinflação a atingiu. «Eles [os aliados] queriam conter a Alemanha, economicamente, industrialmente, durante gerações», diz Bruno Hähnel, que cresceu durante os anos imediatamente posteriores à Primeira Guerra Mundial. «Havia inflação — pagavam-se milhares de milhões [de marcos] por um pão.»⁴ E para os soldados de regresso, como Herbert Richter, era desolador testemunhar a penúria económica para lá do sofrimento da guerra. «Os meus pais tinham apenas capital», diz. «Não possuíam terra. E não tinham casa. E a sua fortuna derreteu-se como neve ao sol — desapareceu. Antes éramos bastante abastados. E depois, de repente, não tínhamos quaisquer recursos — éramos pobres.»⁵

Os alemães viviam uma crise que não era apenas económica mas também política e, em muitos casos, espiritual. Em tais circunstâncias, é fácil compreender porque é que os alemães se perguntaram: quem culpar por tal horror? Porque eram eles obrigados a sofrer tanto? E estas eram perguntas a que Adolf Hitler dizia poder responder, dizendo ao seu público em progressivo crescimento como se deviam sentir quanto à vida que viviam e o que podiam fazer para melhorar as coisas.

Hitler estruturou os seus primeiros discursos não apenas para controlar o estado de espírito do público, mas — sobretudo — para provocar uma reação emocional. Começava muitas vezes, como no seu discurso de 12 de abril de 1922, por descrever a terrível situação em que a Alemanha se encontrava. «Na prática», dizia Hitler, «já não temos um Reich alemão politicamente independente; agora somos uma colónia do mundo exterior.»⁶

Perguntava então quem era responsável por este pesadelo — e aqui, para a audiência, havia boas notícias. Porque, como Hitler o via, acontecia que o grosso da população alemã não tinha culpa do seu infortúnio. Era tudo culpa dos judeus, alegava ele: tinham sido eles os responsáveis pela deflagração da Primeira Guerra Mundial, pelos abusos do capitalismo e pelo novo credo revolucionário do comunismo, e tinham estado por trás dos «criminosos de novembro» que assinaram o armistício que, em 1918, pôs fim à guerra. Os judeus, defendia Hitler, não deviam fidelidade a nenhum estado-nação, mas apenas a outros judeus para lá

de fronteiras nacionais. Criou um mundo de fantasia no qual os judeus fingiam até estar de ambos os lados de uma disputa industrial para perturbar a sociedade — o lado dos operários e o lado do patronato. «Eles [os judeus] seguem ao mesmo tempo uma política comum e um objetivo único. Moses Kohn, de um lado, encoraja a sua associação a recusar as exigências dos trabalhadores, enquanto o seu irmão Isaac, na fábrica, incita as massas e grita: “Olhem para eles! Apenas vos querem oprimir! Soltem as vossas grilhetas [...]” E o seu irmão cuida que as grilhetas sejam bem forjadas.»⁷

Hitler tinha também consciência de que estava a falar para uma audiência no coração da Baviera católica e estava por isso preparado, no contexto do combate aos judeus, para comparar o emergente movimento nazi a Jesus e aos seus discípulos. «Como cristão, os meus sentimentos levam-me até ao meu Senhor e Salvador enquanto lutador», disse, em abril de 1922. «Levam-me até ao homem que, uma vez na solidão, rodeado por uma mão-cheia de seguidores, reconheceu estes judeus pelo que eles eram e convocou homens para lutar contra eles e que — pela verdade de Deus! — foi grandioso, não enquanto sofredor, mas enquanto lutador. Em amor infinito como cristão e homem, leio a passagem [da Bíblia] que nos diz como o Senhor finalmente Se ergueu em todo o Seu poder, e lançou o flagelo para escorraçar do Templo a ninhada de víboras e serpentes.»⁸

É extremamente improvável que Hitler fosse, mesmo nessa altura, o cristão que alegava ser. Mas grande parte do seu público era-o certamente. E era-lhes possível fazer outras comparações pessoais — e blasfemas — entre Jesus e Hitler. Por exemplo, ambos os líderes haviam esperado até cumprir 30 anos de idade antes de darem início à sua «missão», e ambos prometiam a redenção do sofrimento do momento. A fim de apoiarem tais opiniões, os nazis — sem surpresa — ignoraram o registo histórico e alegaram que Jesus não era judeu.

Hitler não estava a fazer nada de invulgar ao tentar responsabilizar os judeus pelos infortúnios da Alemanha. Nessa altura eram um bode expiatório conveniente e popular para muitos na extrema-direita. Como explica o professor Christopher Browning: «Praticamente todas as maledizes da Alemanha podem ser associadas aos judeus: as reparações, os predadores judeus financeiros e a humilhação nacional. Os judeus

eram também [retratados como] a fraqueza à retaguarda, os oportunistas que não combateram na guerra. O liberalismo — considerado um produto judeu —, a emancipação, a igualdade perante a lei, os soviéticos e o judaico-bolchevismo, tudo isso viabilizou um antisemitismo muito mais radical e muito mais generalizado com peso político [...] Assim, não são emitidos sinais de aviso e nenhuma sirene de alerta dispara quando Hitler fica obcecado pelos judeus, porque está a propor, de um modo extremo, argumentos que, podemos dizê-lo, já existem de alguma forma. Assim, Hitler está certamente a apelar aos alemães que ponham fim ao sofrimento económico, que ponham fim ao impasse político, que tornem a Alemanha forte e orgulhosa internacionalmente e que acabem com a desintegração da cultura alemã, e para ele tudo isto está ligado ao antisemitismo.»⁹

Hitler foi igualmente desdenhoso da democracia, ridicularizando a noção do «governo do povo» desde o início¹⁰. O que era necessário, disse, não era democracia, mas um indivíduo determinado que se erguesse e restaurasse uma liderança forte na Alemanha. E foi explícito quanto à ideia política central que um tal líder forte deveria seguir a fim de resgatar a Alemanha — uma renovação nacional baseada na abolição das classes sociais e na raça. Hitler exigiu que todos aqueles que não fossem «arianos» fossem excluídos da cidadania alemã. (Mais uma vez, a ideia de existir um subgrupo distintamente «ariano» nos povos caucasianos, ou que um tal grupo de tipo nórdico fosse de algum modo uma «raça superior», não era original, pois já havia sido difundida por uma série de teóricos raciais antes da Primeira Guerra Mundial.) Assim que a Alemanha consistisse apenas destes povos «arianos» — e a grande maioria da atual população da Alemanha já era «ariana», segundo Hitler —, então a Alemanha poderia tornar-se numa nação de uma única «raça», e nesse processo todas as distinções de classe poderiam ser eliminadas. «E aí dissemos a nós próprios: não existe uma coisa chamada classe: não pode existir. Classe significa casta, e casta significa raça.»¹¹

Este apelo a que «todos os verdadeiros alemães» trabalhassem em conjunto para criar uma nova Alemanha era particularmente atraente para os jovens bávaros como Emil Klein. «Este partido queria erradicar as diferenças de classe», diz. «[A ordem existente tinha] a classe operária

aqui, a burguesia ali, e as classes médias acolá. Estes eram conceitos profundamente enraizados que dividiam a nação. Por isso era uma questão importante para mim, um ponto que me agradava — “a nação tem de estar unida!” Enquanto jovem, isso já era claro para mim — era evidente que não existia aqui uma classe operária e ali uma classe média.»¹² E vinculada a esta ideia estava a noção de que «a alta finança internacional, o poder financeiro da judiaria», tinha de ser eliminada. Acreditando na fantasia que Hitler vendia, Klein estava convencido de que esse poder residia, em parte, em Nova Iorque. «Wall Street estava sempre a ser referida.»

O que Emil Klein e outros que ouviram estes primeiros discursos descobriram foi que ouvir um discurso de Hitler era como ser levado numa viagem; de uma sensação inicial de desespero quando Hitler expunha os problemas terríveis que o país enfrentava, passando pela compreensão de que a audiência não tinha culpa das dificuldades correntes, até uma visão de como tudo podia ser corrigido num mundo melhor e sem classes, assim que um líder forte, que emergiria do povo alemão, conseguisse alcançar o poder à cabeça de uma revolução nacional. Para aqueles que viviam sob o impacto de uma crise económica, era algo de fascinante.

Hitler foi muitas vezes acusado de ser um «ator», mas uma parte vital do seu apelo inicial vinha de os seus apoiantes nas cervejarias, como Emil Klein, acharem que ele era completamente «genuíno». «Quando o vi pela primeira vez falar num comício na Hofbräuhaus [uma grande cervejaria de Munique]», diz Emil Klein, «o homem projetava um tal carisma que as pessoas acreditavam no que quer que ele dissesse. E quando alguém hoje diz que ele era um ator, então tenho de dizer que a nação alemã deve ter sido completamente idiota para se ter permitido acreditar num tal homem, ao ponto de toda a nação alemã ter resistido até ao último dia da guerra [...] Ainda acredito, até hoje, que Hitler acreditava ser capaz de cumprir o que pregava. Que acreditava honestamente em tudo, que ele próprio acreditava [...] E em última instância todos aqueles com quem estive, as muitas pessoas nas conferências do Partido em todo o lado, as pessoas acreditavam nele, e apenas conseguiam acreditar nele porque era evidente que ele também acreditava, que falava com convicção, e isso era algo raro naquela altura.»¹³

A sinceridade emocional que muitos pensaram ver em Hitler como orador era uma pré-condição necessária para o seu apelo carismático. Hans Frank, que se tornaria mais tarde o governante da maior parte da Polónia ocupada pelos nazis durante a Segunda Guerra Mundial, foi bastante influenciado pelo que considerou ser a falta de artifício de Hitler ao ouvi-lo falar, em janeiro de 1920: «A primeira [coisa] que se sentia era: o orador é de algum modo honesto, não nos quer convencer de algo em que ele próprio não acredita na totalidade [...] E nas pausas do seu discurso os seus olhos azuis brilhavam apaixonadamente, enquanto penteava o cabelo para trás com a mão direita [...] Tudo vinha do coração, e tocou-nos a todos de muito perto [...] Ele pronunciava aquilo que estava na consciência de todos os presentes e associava as experiências gerais à compreensão clara e aos desejos comuns daqueles que sofriam e desejavam um programa [...] Mas não só. Ele mostrou um caminho, o único caminho deixado a todos os povos arruinados da História, o caminho do sombrio recomeço a partir dos mais fundos abismos através da coragem, da fé, da prontidão para a ação, do trabalho duro, e da devoção, um grande objetivo, brilhante, comum [...] A partir desta noite, embora não fosse membro do Partido, fiquei convencido de que se havia algum homem capaz de o fazer, apenas Hitler seria capaz de controlar o destino da Alemanha.»¹⁴

Hans Frank tinha apenas 19 anos quando ouviu Hitler falar, e talvez não surpreenda tanto assim que um jovem impressionável como ele se tenha sentido tão afetado pelas palavras de Hitler durante tempos desesperados para a Alemanha. O que não se consegue explicar tão facilmente é porque é que Hermann Göring, veterano condecorado da Força Aérea, e comandante da famosa esquadrilha Richthofen durante a Primeira Guerra Mundial, se comprometeu com Hitler, antigo soldado raso, depois de se encontrarem pela primeira vez no outono de 1922.

Göring tinha quase 30 anos quando conheceu Hitler, e era ele próprio um indivíduo habituado a impressionar os outros. As suas façanhas ousadas como um dos pioneiros da Força Aérea alemã haviam-lhe valido não apenas uma Cruz de Ferro como muitas outras condecorações, incluindo a Pour Le Mérite, uma das maiores distinções possíveis no Império Alemão. Sentira-se ultrajado pela decisão de pôr fim

à guerra a 11 de novembro de 1918, e dissera aos homens da sua esquadilha, apenas oito dias após o armistício: «O novo combate pela liberdade, pelos princípios, pela moral e pela Pátria acabou de começar. Temos um caminho duro e difícil pela frente, mas a verdade será a luz que nos guia. Devemos ter orgulho nesta verdade e no que fizemos. Temos de pensar nisto. O nosso tempo voltará.»¹⁵

No outono de 1922, Göring havia regressado à Alemanha depois de passar algum tempo a trabalhar na Escandinávia, primeiro como piloto acrobático e depois como piloto comercial nas linhas aéreas suecas *Svensk-Lufttrafik*. Em fevereiro de 1922, casara-se com a recém-divorciada baronesa Carin von Kantzow. Agora um maduro estudante de Ciências Políticas na Universidade de Munique, Göring era um homem implacável e mundano com grande confiança pessoal. Contudo, ficou imediatamente impressionado ao ver Adolf Hitler pela primeira vez. «Um dia, num domingo de novembro ou de outubro de 1922, fui a uma manifestação de protesto como simples espetador», disse Göring durante o seu julgamento de crimes de guerra em Nuremberga, em 1946. «No final também chamaram por Hitler. Eu já tinha ouvido falar do seu nome e queria saber o que ele tinha a dizer. Ele recusou-se a falar, e foi uma pura coincidência que eu estivesse suficientemente perto para ouvir as razões da sua recusa [...] Achava que não fazia sentido lançar protestos que não tivessem argumentos de peso por trás. Isso impressionou-me profundamente. Eu era da mesma opinião.»¹⁶

Intrigado com Hitler, Göring foi ouvi-lo discursar alguns dias depois. «Hitler falou de Versalhes. Disse que [...] um protesto apenas tem sucesso se for sustentado por um poder que lhe dê peso. Esta convicção foi pronunciada, palavra a palavra, como se fosse oriunda da minha própria alma.» Em resultado, Göring procurou encontrar-se com Hitler. «De início, queria apenas falar com ele para ver se havia algo em que o pudesse ajudar. Recebeu-me logo e, depois de me ter apresentado, disse que era um acaso extraordinário do destino que nos encontrássemos. Falámos sobre as coisas que nos estavam perto do coração — a derrota da nossa Pátria [...] Versalhes. Disse-lhe que eu próprio, até onde fosse possível, e tudo o que eu era e possuía, estavam completamente ao seu dispor para esta questão que, na minha opinião, era o mais essencial e decisiva possível: o combate contra o Tratado de Versalhes.»

O que o testemunho de Göring revela, acima de tudo, é que Hitler não precisou de o convencer de nada — ambos já partilhavam a mesma ideia do que estava mal na Alemanha. Esta é uma revelação fundamental sobre a natureza do funcionamento do «carisma» de Hitler nos tempos iniciais, porque o que Hitler oferecia principalmente a Göring (e a muitos outros) era uma profunda sensação de reforço — uma confirmação de que aquilo que ele já achava sobre o mundo estava certo¹⁷.

A este respeito, Hitler foi ajudado por uma outra qualidade importante que exsudava dos seus discursos — uma sensação de absoluta certeza. As análises de Hitler não deixavam espaço para qualquer dúvida. Ele nunca parecia estar minimamente indeciso entre opiniões possíveis. Hitler usara esta técnica nos seus monólogos durante anos. Lia um livro, por exemplo, e depois proclamava em voz alta qual deveria ser a conclusão «correta» a tirar. «Ele não estava interessado “noutra opinião”», disse August Kubizek, «nem em qualquer discussão sobre o livro.»¹⁸

Hitler também se especializou em apresentar a vida como «ou, ou», que significava que «ou» «o inimigo» (que na maior parte dos casos era «os judeus») «ou» todos os outros seriam destruídos. Na mente dele, o mundo era completamente a preto-e-branco. A vida era uma luta perpétua — e excluir-se dela não era uma opção. «Eles [aqueles que não representam um papel ativo na política] ainda não compreenderam que não é necessário ser inimigo do judeu para ele os arrastar um dia para o cadafalso de acordo com o modelo russo», disse, em abril de 1922¹⁹. «Eles não percebem que basta apenas ter a cabeça sobre os ombros e não ser judeu: isso garantir-lhes-á o cadafalso.»

Para os seus apoiantes iniciais, Hitler demonstrava possuir «carisma», mas esses apoiantes tinham de já estar predispostos, graças à sua própria personalidade e ponto de vista político, a acreditar nesse «carisma»²⁰. «Não é realmente necessário perguntar quais as artes que ele usou para conquistar as massas», escreveu Konrad Heiden, que ouviu Hitler falar muitas vezes. «Os seus discursos são sonhos acordados desta alma massiva [...] Os discursos começam sempre num profundo pessimismo e terminam numa eufórica redenção, um triunfante final feliz; muitas vezes podem ser refutados pela razão, mas seguem a lógica bem mais poderosa do subconsciente, que nenhuma refutação

consegue alcançar [...] Hitler deu voz ao terror silencioso das massas modernas [...].»²¹

Esta era uma opinião partilhada por Otto Strasser, irmão de Gregor Strasser, um dos primeiros apoiantes nazis: «Apenas posso atribuir [o sucesso de Hitler como orador] à sua impressionante intuição, que diagnosticava infalivelmente os males de que a sua audiência padecia [...] falando como o espírito o impele [...] transforma-se prontamente num dos maiores oradores do século [...] As suas palavras cortam o ar como uma flecha em direção ao alvo, ele toca em todas as feridas privadas abertas, libertando o inconsciente das massas, expressando as suas mais elevadas aspirações, dizendo-lhes o que elas mais querem ouvir.»²²

Era uma análise que Sir Nevile Henderson, embaixador britânico na Alemanha no final da década de 1930, também subscrevia. «Ele [Hitler] devia o seu sucesso na luta pelo poder ao facto de ser o espelho da mente subconsciente [dos seus apoiantes], e à sua capacidade de colocar em palavras o que essa mente subconsciente sentia querer.»²³

Se aqueles que encontravam Hitler não estivessem já predispostos a ter as suas «mais elevadas aspirações» tocadas pelas suas palavras, não seriam capazes de detetar nele qualquer «carisma». Josef Felder, por exemplo, não ficou minimamente impressionado quando o ouviu falar na Hofbräuhaus em Munique, no início da década de 1920. Como apoiante empenhado do Partido Social Democrata, achou os argumentos de Hitler repugnantes. «Ouvi o discurso de Hitler com muito cuidado e notei que ele estava a trabalhar de maneira extraordinariamente demagógica. Costumava sempre falar como se estivesse a atirar frases à audiência. O discurso era em parte dedicado a falar da traição dos sociais democratas em 1919, ao assinarem o Tratado de Versalhes. Começou por falar da Revolução de Novembro e da humilhação de novembro. E depois, claro, sacou das suas teorias contra Versalhes. E depois sublinhou ainda mais, com uma série de declarações particularmente agressivas, que tudo aquilo apenas tinha sido possível em resultado das ações dos judeus. E foi aqui que fez do problema antisemita a base do seu discurso [...] Avançou algumas alegações que não eram de modo algum válidas. Quando saí do comício, juntámo-nos para falar em grupos. E eu disse ao meu amigo: “Depois deste discurso, a minha impressão é que

este homem, este Hitler, nunca subirá ao poder.” Nessa altura, ambos concordámos.»²⁴

Herbert Richter, veterano da Primeira Guerra Mundial, sentiu ainda maior antipatia para com Hitler quando se cruzou com ele num café de Munique, em 1921. «Antipatizei com ele imediatamente», por causa da sua «voz áspera» e da sua tendência para «gritar» ideias políticas «mesmo muito simples». Richter também achava a aparência de Hitler «bastante cómica, com aquele bigodinho peculiar», e concluiu que ele era «arrepiente» e «muito pouco normal»²⁵.

O testemunho de pessoas como Herbert Richter e Josef Felder recorda-nos que a aparição de Hitler na cena política de Munique não marcou, na altura, um ponto de viragem. Muito embora ele estivesse a atrair seguidores aos poucos e poucos, estes representavam apenas uma pequena fração dos votantes potenciais. Com efeito, um estudo recente²⁶ revelou que, em 1919, a grande maioria (mais de 70 por cento) dos soldados ainda destacados para Munique não votou em grupos de direita, mas sim no Partido Social Democrata.

Mas no interior dos partidos dissidentes da direita — os chamados grupos *völkisch* — Hitler causou uma inegável impressão. Dominou rapidamente o minúsculo Partido dos Trabalhadores Alemães e tornou-se não apenas no seu orador principal como também no seu chefe de propaganda. Trabalhou com Anton Drexler num «programa partidário» e depois apresentou os «25 pontos» daí resultantes numa reunião no dia 24 de fevereiro de 1920. Pouco depois, o nome do partido foi alterado para Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães (*Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei* — NSDAP) — daí que os seus adversários usassem «nazis» como abreviatura.

Os «25 pontos» do programa do Partido refletiam os temas familiares em que Hitler se concentrava repetidamente nos seus discursos: a exigência de que os tratados de paz de Versalhes e de Saint-Germain fossem postos de lado; a retirada da cidadania alemã aos judeus; que mais nenhum estrangeiro fosse autorizado a imigrar para a Alemanha; que apenas aqueles de «sangue alemão» fossem considerados verdadeiros cidadãos. Havia também uma série de medidas dirigidas contra o capitalismo — um apelo à divisão de lucros e à destruição dos grandes armazéns para que os pequenos comerciantes pudessem florescer.

Nunca se mencionou como é que qualquer futuro governo nazi poderia, em termos práticos, implementar esses 25 pontos. Todo o «programa» era deliberadamente vago em pormenores. Essa indefinição provaria trazer vantagens a Hitler de várias maneiras. Permitia-lhe a máxima flexibilidade para interpretar a política nazi como muito bem entendesse uma vez tornado líder, e permitia aos nazis posicionarem-se como um «movimento» e não como um convencional partido político agarrado à formulação e ao acordo com políticas detalhadas. Também permitia a um vasto grupo de pessoas professar o seu apoio aos nazis, dado que, por exemplo, a proposta de «remoção dos judeus» podia ser interpretada de muitas maneiras diferentes — desde legislação que impedisse o acesso dos judeus a determinadas profissões à expulsão forçada dos judeus da Alemanha, até algo ainda pior.

Esta ideia de que os nazis deveriam defender uma «visão» da Alemanha em vez de um conjunto de políticas detalhadas não era original. O *Freikorps Oberland*, por exemplo, também queria ver a criação de um «Terceiro Reich [império]» na Alemanha (sucendo ao «primeiro» Império do Sacro Império Romano e ao «segundo» Reich alemão estabelecido por Bismarck em 1871, e que terminou em 1918). E os seus membros desprezavam definições pormenorizadas. «Nada é mais próprio do espírito associativo do *Oberlander* do que a sua Ideia do Terceiro Reich», disse um apoiante, «[...] os homens tinham profundos sonhos deste Mistério — um mistério que seria desacreditado por um programa político concreto assim que se tentasse defini-lo com precisão.»²⁷ E, tal como os nazis, o *Oberland* apelava «à subordinação do indivíduo [...] às necessidades de toda a nação»²⁸.

Em agosto de 1921, Hitler havia ganho poder ditatorial sobre o jovem Partido Nazi. Os velhos dias das reuniões de comité e artigos de discussão de Anton Drexler tinham acabado de vez. Mas Hitler ainda não alegava ser ele próprio o salvador da Alemanha — apenas que a Alemanha precisava de um salvador.

«Nos primeiros anos não dizíamos *Heil Hitler*, isso nunca se dizia, e nunca ninguém teria sequer pensado nisso», diz Bruno Hähnel, que estava ativo no Partido na década de 1920. «Hitler ainda não tinha avançado para o centro do palco, como viria a acontecer depois. Ele era apenas o presidente do NSDAP.»²⁹

Era também óbvio, desde o início do envolvimento de Hitler com o Partido dos Trabalhadores Alemães, que muita da força e da certeza que fluía através dele quando falava a uma multidão parecia abandoná-lo quando falava somente com duas ou três pessoas. Como diria mais tarde ao fotógrafo Heinrich Hoffmann: «Num pequeno círculo de amigos nunca sei o que dizer [...] como orador numa pequena reunião de família ou num funeral não sirvo para nada.»³⁰

Outros também repararam nesta peculiar inconsistência — este fosso profundo entre a performance pública e a realidade privada. O capitão Mayr, o primeiro a «descobrir» Hitler como orador, apontou como ele era «tímido e inseguro»³¹ entre outros soldados no quartel e, mesmo assim, era capaz de inspirar grandes audiências numa cervejaria. Mayr defenderia mais tarde que isto permitia a figuras posteriores, e mais inteligentes, da extrema-direita manipular Hitler para os seus próprios fins. «Como líder», escreveu Mayr, «Hitler é provavelmente o maior embuste jamais apresentado ao mundo.»³²

Mas se é verdade que figuras obviamente mais politicamente astutas como Hermann Göring e Ernst Röhm, que fora capitão no exército alemão durante a guerra, se juntaram ao Partido Nazi nesses primeiros tempos, não é de todo o caso que Hitler lhes estivesse de algum modo subordinado. Nitidamente, Hitler ia de facto buscar a maior parte das suas ideias a outros — como Gottfried Feder, o economista político que apelou ao fim da «escravatura dos juros» — mas, no verão de 1921, era já o líder incontestado do Partido Nazi. De certo modo, a própria estranheza de Hitler — em especial o facto de achar os relacionamentos sociais difíceis e poder ainda assim inspirar uma multidão — contribuía para a impressão crescente de estar aqui um tipo muito diferente de líder político. «Houve sempre um qualquer elemento da sua personalidade que ele não permitia que ninguém visse», recordou um conhecido destes primeiros tempos. «Ele tinha os seus segredos imperscrutáveis, e, de muitas maneiras, foi sempre um enigma para mim.»³³

Foi esta extraordinária combinação — a capacidade em criar uma ligação com uma grande audiência de apoiantes, muitas vezes reforçando e em seguida amplificando as suas crenças já existentes, a par da sua incapacidade de interagir de maneira normal com indivíduos no dia a dia — que esteve no centro da criação do «carisma» de Hitler

como orador. Hitler, quase inacreditavelmente, era capaz de ser íntimo com uma audiência e distante com um indivíduo.

A necessidade de um líder político criar «distanciamento» é algo que Charles de Gaulle, contemporâneo de Hitler, reconheceu ser de importância vital. «Antes de mais», escreveu De Gaulle, «não pode haver prestígio sem mistério, pois a familiaridade gera o desprezo. Todas as religiões têm o seu santo dos santos, e nenhum homem pode ser um herói para o seu criado. Nos desígnios, no comportamento e nas operações mentais de um líder, deve existir sempre um “algo” que os outros não consigam sondar, que os mistifique, que os estimule, que capte a sua atenção³⁴ [...] Alheamento, caráter e a personificação da quietude, são estas qualidades que rodeiam de prestígio aqueles que estão preparados para carregar o fardo que é demasiado pesado para os meros mortais [...] Ele [o líder] deve aceitar a solidão que, segundo Faguet, é a “desventura dos seres superiores”.»³⁵

Mas uma das muitas diferenças entre De Gaulle e Hitler — que nasceram com poucos meses de intervalo — é que De Gaulle reconheceu o valor de criar «distanciamento» daqueles que liderava e agia conscientemente para o criar. Hitler não agia assim por escolha. Fora-lhe sempre difícil criar ligações com outros indivíduos — uma amizade «normal» era-lhe impossível. Acontecia que, agora, esse traço resultava em seu favor. Muitos dos seus seguidores testemunhavam a sua aparente ausência de necessidade de intimidade pessoal e achavam-na a marca de um homem de carisma. Ou mesmo a marca de um herói.

AUTOR BESTSELLER DO SUNDAY TIMES

**«TODA A MINHA VIDA PODE SER RESUMIDA
NESTE MEU ESFORÇO INCESSANTE
DE CONVENCER OS OUTROS.»**

Adolf Hitler, 1942

Adolf Hitler era um líder improvável — alimentado por ódio, incapaz de aceitar uma crítica, socialmente e emocionalmente inadequado — e, no entanto, atraiu multidões. Como foi possível que se tenha tornado uma figura tão atrativa para milhões de pessoas? Essa é a pergunta que norteia este livro.

Laurence Rees investiga a forma como Hitler construiu o seu mito e fez uso do seu carisma até se transformar num quase «messias» com contornos semidivinos — da retórica pomposa dos primeiros discursos antissemitas às massivas demonstrações de adoração retratadas nos filmes de Leni Riefenstahl —, entretecendo a personagem e a figura pública, para as confrontar com os testemunhos das vítimas do seu encanto e os seus opositores mais ferozes.

Ao mesmo tempo uma visão histórico-psicológica surpreendente e um estudo esclarecedor dos mecanismos de manipulação e credulidade humanas, este livro analisa a natureza do apelo de Hitler e revela o papel que o seu suposto «carisma» desempenhou no seu sucesso.

«Um relato sagaz e notável sobre
a “liderança carismática” de Hitler.»

THE TELEGRAPH

v o g a i s

com todas as letras

20|20 editora

ISBN 978-989-668-448-8



9 789896 684488

História